

Uma reflexão acerca da ação docente na disciplina de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Wilian Junior Bonete*

Resumo: Este artigo está inserido no campo das discussões acerca da História e o Ensino de História. Seu olhar está direcionado para a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). A produção acadêmica acerca do Ensino de História aumentou de forma significativa no Brasil, sobretudo, nas últimas duas décadas. Tal fato pode ser observado através de dois grandes eventos da área: o Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História (ENPEH) e o Perspectivas do Ensino de História (PEH). Também eventos específicos da área da Educação abrem espaços como: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e o Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). No entanto, é notória uma escassez de trabalhos sobre ensino de História específico na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tal fato causa certo estranhamento, pois essa é uma modalidade básica de extrema importância e que vem causando grande interesse por parte de pesquisadores da Educação no Brasil, e foi devido a esse fator, que se propôs o desenvolvimento da pesquisa que resultou na elaboração desse artigo. Partindo do pressuposto de que a atuação docente na EJA deve suceder de forma diferente do ensino regular, uma vez que trata de alunos adultos, o objetivo aqui versa sobre a identificação e discussão a respeito da organização das práticas docentes empregadas nessa modalidade de ensino. Para esse fim, foi delimitado como objeto de estudo o relato de três professores que atuaram na EJA na cidade de Guarapuava, Paraná, entre os anos de 2006 e 2009. Buscou-se entender ação dos professores, como trataram e enfrentaram as dificuldades na mediação dos conhecimentos históricos. Todo o processo docente que se desenvolve em sala de aula é fundamentado nas atuais Diretrizes Curriculares Estaduais para a EJA (DCE/EJA, 2006), pois estas determinam às orientações metodológicas e os conteúdos a serem estudados no estado do Paraná, porém, o objetivo aqui proposto não é a análise dos currículos, a sua efetividade ou concepção, pois essa é uma área complexa e o rol de autores que se dedicam ao seu estudo é amplo, no entanto consideramos que é o modelo principal seguido pelos professores nessa modalidade. Pensando em uma forma de melhor apresentar os resultados e as reflexões aqui propostas, optou-se por uma formatação que se inicia com: a) abordagem de alguns aspectos teóricos que permitem entender o que é a EJA e sua configuração básica no Paraná; b) algumas considerações sobre a prática docente e o ensino de História; c) aspectos relevantes sobre o contexto social vivenciado pelos jovens e adultos d) apresentação dos dados coletados.

Palavras-chave: Ensino de História, Educação de Jovens e Adultos, Práticas Docentes.

Introdução

A produção acadêmica acerca do Ensino de História aumentou de forma significativa no Brasil, sobretudo, nas últimas duas décadas. Tal fato pode ser observado através de dois grandes eventos da área: o Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História (ENPEH) e o Perspectivas do Ensino de História (PEH). Também eventos específicos da área da Educação abrem espaços como: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e o Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), sendo que grande parte desses trabalhos tem sua origem nos programas de pós-graduação em Educação e em alguns casos, nos de História.

No entanto, é notória uma escassez de trabalhos sobre ensino de História específico na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tal fato causa certo estranhamento, pois essa é uma modalidade básica de extrema importância e que vem causando grande interesse por parte de pesquisadores da Educação no Brasil, e foi devido a esse fator, que se propôs o desenvolvimento da pesquisa que resultou na elaboração desse artigo.

Reflexões e a Pesquisa

Partindo do pressuposto de que a atuação docente na EJA deve suceder de forma diferente do ensino regular, uma vez que trata de alunos adultos, a finalidade desse trabalho, versa sobre a identificação e discussão a respeito da organização das práticas docentes empregadas nessa modalidade de ensino. Para esse fim, foi delimitado como objeto de estudo o relato de três professores que atuaram na EJA na cidade de Guarapuava, Paraná, entre os anos de 2006 e 2009. Buscou-se entender ação dos professores, como trataram e enfrentaram as dificuldades na mediação dos conhecimentos históricos.

Todo o processo docente que se desenvolve em sala de aula é fundamentado nas atuais Diretrizes Curriculares Estaduais para a EJA (DCE/EJA, 2006), pois estas determinam às orientações metodológicas e os conteúdos a serem estudados no estado do Paraná, porém, o objetivo aqui proposto não é a análise dos currículos, a sua efetividade ou concepção, pois essa é uma área complexa e o rol de autores que se dedicam ao seu estudo é amplo, no entanto consideramos que é o modelo principal seguido pelos professores nessa modalidade.

Pensando em uma forma de melhor apresentar os resultados e as reflexões aqui propostas, optou-se por uma formatação que se inicia com: a) abordagem de alguns aspectos teóricos que permitem entender o que é a EJA e sua configuração básica no Paraná; b) algumas considerações sobre a prática docente e o ensino de História; c) aspectos relevantes sobre o contexto social vivenciado pelos jovens e adultos d) apresentação dos dados coletados.

Deve-se ficar claro que ao analisar os relatos de professores sobre suas práticas individuais, não significa a elaboração de um diagnóstico final sobre o ensino de História na EJA em Guarapuava, mas sim um estudo de caso no qual há possibilidades de um melhor vislumbrar das experiências e vivências do cotidiano no chão da escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN n. 9394/96), em seu artigo 37, prescreve que “[...] a Educação de Jovens e Adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria.”

Para Gadotti (2007, p.31), falar em Educação de Jovens e Adultos é pensar primeiramente como “educação de adultos”, pois os que freqüentam esta modalidade são majoritariamente jovens e adultos trabalhadores que lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O autor ainda afirma que os alunos da EJA não devem ser tratados como crianças cuja história de vida apenas começa, pois as realidades são diferentes.

É relevante uma explicação a respeito do recorte específico aqui selecionado. As ações do Departamento de Educação de Jovens e Adultos (DEJA) implantadas no Paraná a partir do ano 2006 modificaram o que vinha sendo feito até aquele momento. Os cursos estavam organizados na forma presencial e semipresencial, sendo esses ofertados exclusivamente pelos Centros de Educação de Jovens e Adultos – CEEBJA – no Ensino Fundamental e Médio. Eram ofertados como matrículas por disciplina e estruturados com a carga horária de 30% presencial e 70% não presencial. As avaliações eram realizadas uma durante o processo e uma avaliação estadual final, sendo esse modelo de organização cessado em 2006. (DCE/PR, 2006, p. 20)

Com as novas Diretrizes, ficou estipulada uma carga horária de 100% presencial, as matrículas eram feitas por disciplina na forma coletiva para aqueles que tivessem disponibilidade para freqüentar as aulas regularmente e individual para aqueles trabalhadores que não possuíssem a mesma disponibilidade. Essa nova organização desenvolveu-se de forma a melhor se adaptar aos alunos.

Ao mesmo tempo em que as estruturas curriculares foram modificadas, as novas Diretrizes para a EJA representam até hoje um marco na história dessa modalidade no Paraná, pois são os resultados de uma produção coletiva que contou com a participação de vários professores e funcionários do Departamento de Educação de Jovens e Adultos – DEJA/PR, e cujo texto final elaborado por representantes de encontros de capacitação realizados entre 2003 e 2005. (BERNARDIM, 2006). É em função da implantação das DCE para a EJA no Paraná, que foi estipulado o recorte 2006 a 2009.

Ao tratarmos das práticas docentes, é indispensável uma breve abordagem sobre seu conceito. As práticas de ensino vêm sendo alvo de reflexões há pelo menos três décadas e tem sido foco principal de diversos eventos, como exemplo maior o ENDIPE, porém, a história da prática de ensino remonta desde a década de 1930 e vêm sendo estudada por vários educadores que discutem sua inserção nos currículos através das leis e outras disciplinas como a Didática e o Estágio Curricular. (MARANDINO, 2005)

Por práticas docentes, entende-se que o professor tendo adquirido um nível de cultura necessário para o desempenho de sua atividade, dá a direção ao ensino e a aprendizagem. (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2006 apud LABEGALINI, 2007)

Riedel (1981, p.25), afirma que a prática está interligada com a experiência, e que esta não pode ser transmitida a outros. Neste caso, a experiência só pode ser adquirida pelo homem na prática, ou seja, cabe ao professor adquiri-la no decorrer do próprio ensino. Para Riedel, a prática é de responsabilidade pessoal do professor em relação aos seus objetivos e aos dos seus alunos, e conseqüentemente pelas correspondentes relações interpessoais e pela coragem de usar a liberdade (p.32). Em outros termos, o autor postula que a prática de ensino é situada na forma espacial-temporal em que o docente:

Com responsabilidade própria descobre a necessidade de estabelecer objetivos concretos, empregando os conhecimentos teóricos anteriormente adquiridos sobre as condições em que se encontram os alunos e eles próprios, e aplicando seu saber técnico anteriormente adquirido para realizar estes seus objetivos bem pessoais. (1981, p.25)

Portanto, ao analisar às práticas docentes, o intuito é procurar observar como se desenvolve o processo do ensino e aprendizagem em sala de aula, ou nesse caso, o ensino de História, como os professores fazem uso ou não das fontes, das tecnologias e dos materiais didáticos em geral.

Nesse trabalho, o posicionamento acerca da História é a de que ela possui uma grande importância e significado para o ser humano. Desse ponto de vista, alguns intelectuais na historiografia confirmam isso. Thompson (1992) afirma que é por meio da História, que as pessoas comuns procuram compreender as mudanças por que passam em suas próprias vidas. Enfatiza o autor que é “[...] por meio da História política e social ensinada nas escolas que levam os alunos a compreender e aceitar o modo pelo qual o sistema político acabou tomando a forma como é.” (1992, p.21)

Para Barton (2001, *apud* PARENTE, 2004), a disciplina de História reveste-se de grande importância para o mundo moderno apesar das pessoas inferirem na compreensão da natureza e do objetivo do conhecimento histórico. Se por um lado, enfatiza o referido autor, para os educadores a História envolve a análise da relação causa e efeito, numa tentativa de compreensão de como a sociedade evoluiu com o passar do tempo, para outras pessoas, por outro lado é uma fonte de lições morais, um modo de identificar heróis e vilões, ou mesmo uma fonte de identidade individual e pessoal.

Outro destaque em Barton, mostra que para as pessoas de uma forma geral, a História procura explicar quem somos, de onde viemos, como família, comunidade, nação ou etnia, ou simplesmente surge como uma forma de divertimento pessoal. No entanto, qualquer uma dessas perspectivas poderá ter alguma importância em uma determinada altura da vida, e que esse leque variado de perspectivas deve ser levado em consideração que os alunos chegam à sala de aula já com algum conhecimento de História. (*apud* PARENTE, 2004, p.46)

No Brasil, Jayme Pynsky e Carla Pinsky (2003, p.28), que há vários anos dedicam atenções às questões acerca do ensino de História, apontam que o conhecimento histórico por si próprio, carrega profundo potencial transformador, ou seja, elementos que contribuem para a formação crítica tão enfatizada nos currículos escolares. Para eles, é indiscutível o caráter da História justamente porque traz no bojo diálogos e reflexões necessárias para que os seres humanos em contato com a mesma reflitam sobre a sociedade que os cercam. Fonseca (2003) comunga da mesma idéia e acrescenta que a “disciplina de História é formativa em todos os sentidos”. Aponta a autora:

[...] o seu ensino, os sujeitos, os saberes, as práticas, as experiências didáticas têm uma enorme importância para a vida social, para a construção da democracia e da cidadania. É por meio dos diversos processos e mecanismos, fontes e atos educativos que compreendemos a experiência humana, as tradições, os valores, as idéias e as representações produzidos por homens e mulheres em diversos tempos e lugares. (2003, p.11)

Na visão de Fonseca, discutir a História e o seu ensino é pensar os diversos processos que se desenvolve nos mais variados espaços, pensando novas fontes e novas formas de educar cidadãos que estão inseridos numa sociedade complexa marcada por diferenças e

desigualdades.

A luz dessas considerações ainda se faz necessário buscar entender de que forma o ensino de História pode ser significativo para os jovens e adultos. Para tanto, é importante observar os aspectos sociais e culturais que envolvem o cotidiano desses alunos.

Acerca desse aspecto, compartilhamos algumas idéias do educador Paulo Freire que desempenhou um papel importante para a história da escolarização de jovens e adultos no Brasil e em outros países da América Latina. Freire (1994) indaga que os alunos vivem sob o contexto da exclusão social, uma vez que todos os seres humanos estão inseridos numa sociedade marcada pelos avanços das inovações tecnológicas e pela abundância na produção do sistema capitalista. Essa mesma sociedade com seus devidos projetos e desenvolvimentos excluem homens e mulheres do exercício da cidadania, pois geram grandes desigualdades sociais, preconceitos, fome, miséria e desemprego.

Freire (1987) reconhece a existência dentro das classes sociais, uma luta entre oprimidos e opressores e se posiciona totalmente a favor da transformação das condições de existência e das ações dos excluídos, como nota-se na passagem em uma das suas principais obras *Pedagogia do Oprimido*:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “inversão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. (1987, p.39)

Neste contexto, podemos afirmar que a História como parte integrante do processo educacional, quando devidamente trabalhada pode fornecer elementos essenciais para que alunos jovens e adultos ampliem sua visão crítica a respeito da realidade em que vivem na sociedade.

Com bases nos pressupostos até aqui formulados, partiremos efetivamente para o objeto de análise e discussão. Para a construção do trabalho em apreço, foram realizadas entrevistas com três professores que atuaram no período entre 2006 e 2009, todos vinculados ao ensino da disciplina de História na EJA em Guarapuava. A metodologia utilizada é a chamada História Oral, sendo que essa, conforme Meihy (2005) é um caminho que vem sendo explorado desde o século XIX, e consiste num meio moderno usado para a elaboração de documentos por meios eletrônicos e estudos referentes à experiência social dos grupos. Para Verena Alberti (2005), “[...] uma entrevista de História Oral constitui numa reflexão e recuperação do passado levada ao efeito de uma longa conversa”. (2005, p.115)

As entrevistas foram elaboradas de forma semi-estruturadas com a intenção de forma a atingir o objetivo proposto que é a reconstituição de suas experiências docentes. Para efeito de identificação, denominamos os professores entrevistados como P1, P2 e P3, obedecendo à ordem em que foram realizadas as entrevistas entre abril a julho de 2010.

A professora P1, é graduada em História pela UNICENTRO, possui duas especializações sendo uma em “Teoria e Produção do Ensino de História” e outra em “Educação de Jovens e Adultos”. Até o momento da pesquisa foram 15 anos de carreira docente somente na EJA, sendo que nunca atuou em outras modalidades do ensino.

A professora P2, é graduada em História pela UNICENTRO, possui uma especialização em “Metodologia para o Ensino de História”. Atua há 13 anos na área trabalhando com crianças, adolescentes e adultos. Divide suas atividades docentes em turmas

da Rede Estadual da EJA, do Ensino Fundamental e Médio.

Professor P3, graduado em História pela UNICENTRO, possui especialização em “Metodologia para o Ensino de História” pela mesma instituição. Atua há 14 anos no magistério. Divide suas atividades, sendo que durante o dia exerce outras atividades profissionais, e a noite leciona para duas turmas de EJA.

Estudos sobre a profissão docente através de relatos das experiências e de outras formas de pesquisas atestam que estar diante de uma sala repleta de alunos é sempre um desafio, principalmente quando se trata de jovens e adultos que já trazem uma bagagem cultural de conhecimentos somado às experiências de vida. Percebemos essas afirmações na fala da professora P1:

P1: Os alunos da EJA vêm assim, com vontade e até mesmo com objetivos de se formar mesmo né, de aprender, eles têm a noção completa e concreta do que eles querem.

Esse relato inicial nos mostra que os alunos possuem objetivos concretos de vida, na esperança de encontrar na escola uma mudança na condição de vida, embora existam especificidades diferentes, ainda outros pontos poderiam ser destacados como a busca pela cultura ou por uma maior auto-estima.

Outro aspecto que nos chama a atenção no relato da professora P1, diz respeito ainda aos objetivos que movem os alunos:

P1: Então eles vêm buscar um aperfeiçoamento também profissional para poder ter uma profissão melhor, ou derrepente continuar no próprio serviço... eles vêm para suprir essa falta e principalmente pelo mercado de trabalho”

Dessa forma, duas interpretações podem ser feitas. Uma delas é quanto aos anseios pessoais, pela formação, a busca pelo diploma, que para muitos representa a abertura das portas da sociedade. A outra diz respeito à manutenção da subsistência, ou seja, a procura em torno de assegurar seu espaço no mundo do trabalho. A partir desses depoimentos, tem-se em mãos de forma geral, o perfil dos alunos que freqüentam as salas de aula da EJA e que os professores necessitam tê-lo sempre em mente.

Esses alunos vêm com uma bagagem de conhecimentos vindos de outras instâncias, visto que a escola não é o único espaço de produção e socialização dos saberes. Podemos observar esse fato em um trecho da entrevista com a professora P2:

P2: [...] o adulto ta ali, ele ta vivenciando aquilo ou trazendo a experiência dele e o objetivo nosso é tirar o, a educação comum, como posso falar pra você... e passar para o científico. Trabalhar a questão do senso comum que é aquela história que ele aprendeu com um e com outro e transformar isso no científico, que é um, de outra forma.

É nítida a preocupação da professora em tornar a História de senso comum vivenciada no dia a dia e transformá-la em uma “História Científica”. Apesar desse cuidado, atenta-se ao fato de que há uma fragilidade exposta e que, uma vez ignorado tais vivências, os alunos ficariam a mercê de uma História tradicional, sem discussões historiográficas, sem o reconhecimento enquanto próprios agentes históricos e condicionados a recortes de grandes temas consagrados em livros e manuais didáticos

Durante o trabalho em sala de aula, algumas questões que envolvem o cotidiano escolar acabam ao mesmo tempo por condicionar as práticas docentes como exemplo à diferença da faixa etária, que significa o maior ou menor número de alunos trabalhadores. Os relatos a seguir, apontam que o professor necessita estar atento às mudanças em sala de aula

para que dessa forma possa direcionar suas práticas.

P2: [...] é uma experiência, no dia a dia, cada professor é de um jeito. Às vezes todo o material que você prepara pra uma turma, na outra turma não da nada certo. Então você tem que analisar, a gente tem que fazer um relatório, uma busca, um estudo na turma pra gente ver como que vai trabalhar com aquela turma.

P1: [...] você da muita atividade pra casa e eles não conseguem fazer, você tem que trazer e fazer tudo isso aqui e tentar direcionar tudo pra sala de aula, tirar todas as duvidas na sala de aula, tudo e direcionado aqui na sala de aula. Porque é bem complicado, a maioria não tem tempo, porque a maioria são trabalhadores, tem família... é outra realidade.

Nessas duas passagens observa-se a necessidade de práticas que se adaptem ao modo dos alunos. Tal ponto é enfatizado nas Diretrizes quando postulado que a “EJA deve ter uma estrutura flexível e ser capaz de contemplar inovações que tenham conteúdos significativos, devem ser respeitados os limites e possibilidades de cada aluno”, logo é um desafio para que a permanência e o sucesso nos estudos dos alunos da EJA estejam assegurados. (DCE/PR, 2006. p. 28).

Os professores não hesitam em falar que para atuar na EJA é necessário dedicação, pois é uma busca constante de material devido à diversidade das turmas:

P1: [...] é uma busca constante, material, material, material, porque pelo que aquilo que uma turma ta precisando, não é o que precisa pra outra, então essa produção de material é um ato constante.

P2: [...] e o que marca, é que você não tem aquela coisa pronta, cada turma que você pega é um desafio, e cada ano que você vem é diferente, muda a proposta, que é diferente... A secretaria vai mudando, e conforme vai mudando, a gente tem que ir se adaptando. Então todo nosso encaminhamento tem que ser em cima das Diretrizes Curriculares, então nosso planejamento nós temos que fazer assim, dentro do Paraná, para que o aluno estando aqui e derrepente ele querer ir embora, ele possa continuar seus estudos.

Observamos nesses trechos que além da adaptação metodológica, os professores necessitam ministrar suas aulas seguindo as normas estipuladas nas Diretrizes, sempre de forma a dar melhores condições aos alunos. Pensando por esse aspecto, as atuais Diretrizes dividem-se em três eixos temáticos articuladores da ação pedagógico-curricular: cultura, trabalho e tempo. (DCE/PR, 2006). É sob este tripé que devem ser mediados todos os conteúdos históricos.

Buscamos apresentar um direcionamento mais focado sobre o ensino de História em sala. Durante as aulas, os alunos sempre contam fatos que aconteceram com seus familiares, ou quando é tratado sobre determinado assunto, normalmente alegam terem ouvido falar a respeito, conforme a fala do professor P3: “[...] o aluno já vem com um pouco de tudo isso, e qualquer tema que você for trabalhar, o aluno diz: ó, já vi isso.”

Muito já se foi dito que os alunos atendidos pela EJA representam um público vitimado pela sociedade, logo, tem pressa de recuperar o tempo perdido. (BERNARDIM, 2006). Portanto, o professor deve saber lidar com essa questão, pois muitos não conseguem entender o sentido de estudar História, para que estudar o passado se o presente é o que importa.

Munhoz (1989) afirma que cabe ao professor comprometido com o ensino “[...] apontar aos estudantes novos caminhos que visem criar no educando o interesse pelo conhecimento e compreensão da História como um processo”. (1989, p. 67)

Com esta preocupação, observemos um caminho proposto pela professora P2:

P2: [...] tem até um projeto que eu fiz e estou trabalhando agora, que é vinculando o

alimento dentro dos conteúdos de História, aí eu trabalho os saberes e os sabores da História. [...]

[...] eu digo pra eles que não existe só o passado. Eu estou cansado de ouvir isso: professora eu nem vivi aquela época, porque que eu tenho que estudar essa coisa de História Antiga? Porque eu tenho que trabalhar as civilizações, ou países que eu nem sei pra onde que ficam?

Nota-se que nas perguntas apresentadas à professora, muitos alunos ainda não entendem qual o verdadeiro sentido de se estudar História. Na continuação do relato da professora P2, vemos a tentativa de um ensino dos conteúdos históricos de forma mais significativa:

P2: Aí eu pego o pão, que todo mundo come, o pão é um alimento muito antigo. E qual é o objetivo do pão? [...] eu contextualizo o pão, eu digo que isso é da época de cristo, e esta presente na minha mesma, e eu não digo que não vou comer o pão porque é antigo, e eu não vou ficar desfazendo. E assim também eu não posso me desfazer dos conteúdos de História por que eles são antigos

É importante destacar o projeto desenvolvido pela professora P2. Observa-se que esta foi à maneira encontrada para se trabalhar uma história de forma significativa, através dos “sabores”, com elementos do cotidiano, que muitas vezes passam despercebidos pelos alunos.

Segundo Carvalho (2004), os projetos de trabalho são ferramentas pedagógicas que visam sintonizar o cotidiano escolar e o currículo às grandes preocupações sociais contemporâneas, tornando a escola um espaço sociocultural dinâmico e atualizado com os movimentos da sociedade.

Neste sentido, cabe outro destaque nos relatos do professor P3. Durante a formulação de sua resposta quanto à forma em que deve organizar os conteúdos a serem ensinados, diz:

P3: [...] nós temos que ter em mente os direcionamentos que as Diretrizes, o Estado nos passa, e a gente têm que prestar conta dos conteúdos, só que a forma, a metodologia é livre. [...]

[...] eu gosto de usar o livro didático, eu acho melhor porque os conteúdos já estão organizados e fica melhor pra gente trabalhar né, e também porque com o livro, fica mais fácil para os próprios alunos.

O livro didático é um instrumento importante nas escolas, porém é comum vermos que grande parte dos professores o utilizam como único meio para ensinar História. Deve-se atentar a este fato, pois um ensino atrelado somente ao livro didático pode comprometer o conhecimento como um todo, e os professores devem buscar incrementar textos complementares para que o ensino de História não seja fragmentado.

Através dos relatos, podemos observar qual a forma utilizada na fixação dos conteúdos e avaliação. Quando perguntado quais os cuidados que devem ser ponderados na hora de elaborar uma avaliação, obtivemos a seguinte resposta:

P3: [...] a gente tem que levar em consideração o aluno né, tentar observar o perfil da turma, pra daí a gente elaborar uma prova ou qualquer outra atividade avaliativa. Por exemplo, numa turma que é da 5ª à 8ª série, esse ano eu tenho alunos mais com idade um pouco mais avançada, alguns idosos também, aí eu preciso tentar fazer perguntas não tão complicadas né. [...] pros aluno ali do ensino médio, são um pouco mais novos, tem mais mulheres, eu posso fazer algumas perguntas mais puxadas.

Cabe ressaltar que essa preocupação da tentativa de observar o perfil da turma antes da elaboração de uma atividade seja ela avaliativa ou não, é compartilhada pelos três professores aqui entrevistados.

O professor muitas vezes fica limitado, pois a carga horária disponível, ou seja, a duração do curso da disciplina de História é curta em relação à abrangência dos conteúdos. O professor deve utilizar a sua experiência para ensinar de forma que os alunos consigam assimilar os conhecimentos em pouco tempo, para isso destacamos aqui algumas das formas avaliativas:

P3: Eu procuro trabalhar em tópicos né, eu pego um tema ou um capítulo do livro e vou até o final, dependendo do rendimento da turma, eu vejo com eles até dois capítulos.

[...] e para a avaliação às vezes eu trago um resumo dos capítulos, que eu mesmo escrevo pra eles, entrego e a gente lê, em seguida eu entrego um questionário pra eles responderem. Mesmo assim eu acabo percebendo a dificuldade na interpretação, eu vejo que muitos aqui não entendem o texto ou a pergunta, aí eu tenho que ir lá ajudar né [...]

Neste ponto, enfatizamos a importância das especificidades dos alunos trazidas para dentro da sala aula, as suas trajetórias e maneira de vida. Tais fatores inferem diretamente na aprendizagem dos conhecimentos e conceitos históricos e aí cabe o respeito por esses alunos, pois um determinado assunto que para o professor parece simples e fácil, o aluno por sua vez tem dificuldade para entender, portanto deve-se atentar para tais questões.

Após a realização e análise das entrevistas, identificamos alguns mecanismos utilizados pelos professores na mediação dos conhecimentos históricos. Como notamos ao longo do texto, os alunos da EJA diferem-se das crianças, trazem para a sala de aula conhecimentos advindos de outras instâncias, são dotados de especificidades que condicionam o processo de aprendizagem.

Nas entrevistas, percebemos que os alunos encontram dificuldades na interpretação dos textos, sendo que acarreta a dificuldade na hora de responder a perguntas sobre os conteúdos estudados. Sob este aspecto, vale destacar a metodologia encontrada pela professora P2 que foi o projeto “*saberes e sabores da História*” para atingir de tal forma todos os alunos, inclusive aqueles com problemas físicos.

Considerações finais

Neste sentido, buscamos nas falas dos professores indícios que nos mostrassem que é possível se produzir conhecimento em sala de aula da EJA, que embora existam as limitações, é possível pensar num ensino de História de forma mais humana fazendo com que o aluno não a veja como algo distante. Jayme e Carla Pynsky (2008, p.28) enfatizam que quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo, mais ele terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer.

É necessário e urgente fomentar às pesquisas sobre o ensino e aprendizagem de História na EJA, pois essa é uma modalidade assim como as outras e merece atenção justamente por tratar de classes populares que vivem como destacado no texto, as margens da sociedade em busca de sua sobrevivência no mundo globalizado. Que esse estudo tenha servido para despertar interesse por outros historiadores ligados às questões do ensino instigando novas leituras e novas abordagens, e que a sociedade perceba a importância da oferta dessa modalidade no Brasil.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, V. *Manual de História Oral*. 3º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- BARTON, K. & C. LEVSTIK, L. S. (2001). Explicações da Significância Histórica em Alunos do Ensino Básico. In *O Estudo da História* 4. A. P. H.: pp. 207-236.
- BRITO, G. da S; PURIFICAÇÃO, I. da. *Educação e Novas Tecnológicas: um re-pensar*. Curitiba: Ibepex, 2006.
- CANAU, V. M. (Org.) *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CARVALHO, I. C. M. *Projetos de Trabalho nas Escolas*. Programa 5, TVE Brasil disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2004/vnac/tetxt5.htm>.
- FONSECA, S. G. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. São Paulo: Papyrus, 2003.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, M. R, J. E. (orgs). *Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta*. – 9º ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2007. – (Guia da escola cidadã; v.5).
- LABEGALINI, A. C. *A Construção da Prática Pedagógica do Professor: o uso do Lego/Robótica na sala de aula*. Dissertação de Mestrado em Educação defendida na PUC-PR em 2007.
- MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S; A.A. C. R. (orgs). *Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa*. Niterói: Eduff. 2005.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. 5ª Ed. São Paulo: Loyola. 2005.
- MUNHOZ, S. J. Para que serve a História ensinada nas escolas? In: SILVA, Marcos A. *Repensando a História*. ANPUH, Marco Zero. 2ª Ed: São Paulo, 1989.
- PARENTE, R. C. A. *A Narrativa na aula de História: um estudo com alunos do 3º ciclo do Ensino Básico*. Dissertação (mestrado) Universidade do Minho – Portugal, 2004.
- PINSKY, J.; PINSKY, C. Por uma história prazerosa e conseqüente. In: KARNAL, Leandro (org.) *História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas*. 3º ed. São Paulo: Contextos, 2005.
- RIEDEL, H. *Didática e Prática de ensino: aspectos ideológicos, científicos e técnicos*. São Paulo: EPU, 1981.

THOMPSON, P. *A voz do passado: historia oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

* Graduado em História/Licenciatura Plena na Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO (2010). Atualmente Mestrando em História Social na Universidade Estadual de Londrina - UEL (2011) na Linha de História & Ensino. Bolsista pela CAPES/CNPQ, desenvolve pesquisas relacionadas à História, Educação histórica, Ensino e Aprendizagem em História, Educação, Educação de Jovens e Adultos, História Regional e História Oral. E-mail: wjbonete@gmail.com